

A construção do herói na tradição oral da África Ocidental.

Israel Aquino, Rafael Antunes do Canto, Juliet Schuster Pereira, Gabriela Ribeiro Zepka¹

Resumo:

O estudo da história africana tem ganhado relevo graças a destacados trabalhos que tem contribuído para desmistificar essa temática e superar preconceitos, ampliando, desta forma, os horizontes do conhecimento, e colocando ao alcance de pesquisadores e estudantes uma enorme gama de elementos constituintes de uma cultura rica e diversificada: a cultura africana. Neste trabalho, trataremos de discutir a respeito de uma constante que se verifica em algumas tradições da África ocidental sudanesa: o mito de origem de impérios através da figura de um herói fundador, partindo da análise da trajetória de Sundjata Keita, herói de muitos nomes do reino Mandinga, comparada a de Samba Gueladio Diegui, príncipe *peul* de *Futa*. Nossa análise parte da obra de Djibril Tamsir Niane, Sundjata ou a epopéia mandinga. Pela própria natureza da fonte pesquisada, tem destaque à questão da oralidade e sua grande importância para diversas sociedades tradicionais africanas, através da figura dos *griots*, que será também trabalhada nas páginas deste texto. Finalmente, longe de encerrar alguma discussão, este trabalho se pretende contribuinte de uma busca mais ampla, que mais do que nunca se faz necessária, pelo passado e pela história de uma cultura complexa e suntuosa, que poderá trazer, ainda, muitos frutos e valiosos conhecimentos.

Palavras-Chave: história da África, mitos fundadores, história oral.

Abstract:

The study of African history has won prominence thanks to outstanding work that has helped to demystify the subject and overcome prejudices, increasing so the horizons of knowledge, and made available to researchers and students a wide range of constituents elements of a culture rich and diverse: African culture. In this work, we will discuss about a constant that occurs in some traditions of West African Sudanese: the myth of origin of empires through the figure of a founding hero, by analyzing the trajectory of Sundjata Keita, hero of many names Mandinga Kingdom, compared to Samba Gueladio Diegues, Prince Fulani of Futa. Our analysis assumes the work of Djibril Tamsir Niane, Sundjata or Mandinga Epic. By the very nature of the source studied, has highlighted the issue of orality and its great importance for many traditional African societies, through the figure of the griot, who will also be worked out in the pages of this text. Finally, far from closing some discussion, this study aims to contributing to a wider search, more than ever is needed, the past and the history of a complex culture and sumptuous, it may bring, yet many fruits and valuable knowledge.

Keywords: African history, founders myths, oral history.

¹ Graduandos em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

“Se queres saber quem sou,
Se queres que te ensine o que sei.
Deixa um pouco de ser o que tu és
E esquece um pouco o que sabes.”
Tierno Bokar (BÁ, 1981:212)

O trecho referido acima, citado por Amadou Hampaté Bâ, adverte-nos para uma das tantas limitações que o pesquisador, principalmente o ocidental, terá ao pretender estudar a história e a cultura de qualquer região ou país do continente africano. Essa advertência demonstra a nossa própria limitação quanto ao que nos propomos discutir, já que não teremos uma visão interna das sociedades analisadas, principalmente porque não temos o conhecimento da língua das mesmas. Apesar de não podermos fazer uma absoluta análise interna, já que nossa pretensão não é fazer uma análise pura e simplesmente externa dessas sociedades, é importante que destaquemos essas dificuldades, pois o conhecimento pleno só será possível quando essas barreiras forem superadas. Além disso, esse trecho nos remete a uma situação muito comum na pesquisa histórica que é a utilização de conceitos, de noções de mundo e de cronologias alheias ao objeto de análise, o que, em pesquisas sobre culturas e sociedades africanas, precisa ser duplamente evitada; caso contrário deve, ao menos, ser justificada e problematizada.

Trataremos de discutir a respeito de uma constante que se verifica em algumas tradições da África ocidental sudanesa: o *mito de origem* de impérios através da figura de um *herói fundador*. Nosso foco central de discussão será a figura de Sundjata Keita², o qual será pautado comparativamente a outro “herói fundador”: Samba Gueladio Diegui, príncipe *peul*³ de *Futa*^{4,5}. Nossa análise parte da obra de Djibril Tamsir Niane⁶, *Sundjata ou a epopéia mandinga*, nossa fonte primária, a qual é, segundo o autor, a transcrição fiel da fala do *griot*⁷, Djeli Mamadu Kuyatê, de uma aldeia chamada Djeliba Koro, localizada no distrito de Siguiri, atual Guiné. No entanto, antes de pormenorizarmos e contextualizarmos a trajetória de

² O herói dos muitos nomes no reino Mandinga.

³ Os *Peul*, ou Fulani, são pastores da região da África sudanesa.

⁴ Região do norte do Senegal.

⁵ Juntamente a esses dois heróis africanos, é interessante notar que essa constante, com todas as suas diferenças, também apresenta muitas similaridades com alguns heróis tão conhecidos e presentes em nossa cultura e imaginário de herança européia, como é o caso de Rei Artur, por exemplo.

⁶ Escritor e historiador senegalês, nascido na Guiné, que lecionou na Universidade de Dakar.

⁷ Termo de origem francesa que, na África antiga, designava a casta responsável pela transmissão de tradições históricas.

Sundjata, é necessário que problematizemos a questão da oralidade e sua extrema importância para grande parte das sociedades africanas, dentre as quais se insere nosso recorte espacial.

Segundo Hampaté Bâ, quando falamos em tradição, no que se refere aos estudos da história africana, referimo-nos à tradição oral; conforme o autor, para que esses estudos tenham validade, é de suma importância que se apoiem nessa herança de conhecimentos de toda a espécie e variedade, transmitidos de geração para geração. Nestas sociedades – pelo menos antes da chegada do colonizador ocidental / cristão e da influência / imposição de suas noções de mundo e religião - em que o espiritual e o material não estavam dissociados, onde o papel do profano era mínimo em relação ao universo sacralizado, a tradição oral não se limitava a transmitir lendas ou relatos mitológicos, mais do que isso, era, ao mesmo tempo, religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história e divertimento.⁸

Em uma sociedade oral, conforme J. Vansina, a fala é mais que um meio de comunicação, é um meio de preservação da sabedoria e história dos ancestrais (VANSINA, 2010: 140). A educação tradicional inicia-se em casa, com a família, em que lições são ensinadas através das circunstâncias do cotidiano, em situações que possibilitem a transmissão de conhecimento por meio de histórias, fábulas, lendas, mitos, provérbios, etc.

A relação do homem com a palavra é muito forte, já que ela é dotada de caráter sagrado, justamente por estar vinculada a sua origem divina e a forças ocultas de que é depositária - nesse sentido, levando-se em consideração seu uso ritualístico e religioso, principalmente no que tange os ritos de iniciação e a evocação de ancestrais. Nesse ponto, exemplificamos com o mito de criação do homem e do universo da tradição *bambara* (BRUNEL, 1997: 677-681), segundo a qual o Ser Supremo cria todas as coisas através da fala. É através da interlocução que o Ser Supremo dota o homem de todos os seus dons, dentre os quais, o mais importante, o dom da palavra. A grande cadeia de transmissão oral inicia-se, portanto, na própria gênese primordial, em que o primeiro homem torna-se depositário e transmissor do que aprendeu com seu criador.

Os grandes depositários dessa herança oral, os detentores do conhecimento transmitido pela tradição são, conforme Hampaté Bâ, os “tradicionalistas”. Chamados de *doma*, são verdadeiros arquivos ambulantes, a memória viva da África, nas palavras do autor. Existem *domas* para cada ramo do conhecimento, mas na maioria das vezes são

⁸ Assim como em muitas sociedades tribais da Europa a transmissão oral era a maneira de reviver as histórias míticas e perpetuá-las (ROCHA, 2008: 10), e mesmo na Idade Média onde já se dominava a escrita, a tradição oral teve forte importância entre a população, afinal, esse domínio era quase que restrito aos eclesiásticos.

“generalizadores”, ou seja, conhecedores “completos”, possuidores de informações relativas à história, à religião, às ciências iniciatórias⁹, à simbologia e às ciências naturais. Além disso, são grandes contadores de história, mitos, lendas e provérbios. No entanto, ressaltemos que, ao contrário do que acontece com os *griots*, os *domas* tem um grande comprometimento com a verdade; podem, sim, ensinar a um dado público por meio de narrações divertidas, embelezadas, mas nunca devem inventar, mentir; a base da história a ser contada ou do ensinamento a ser transmitido é sempre a mesma.

Já o *griot* tem o direito de ser cínico. Conhecidos por serem grandes animadores de público, são também músicos e poetas; também sabem embelezar histórias de maneira a atrair seus ouvintes, porém, não tem nenhum compromisso para com a verdade. Geralmente são ligados a uma família nobre ou real. O *griot* que nos narra a trajetória de Sundjata, por exemplo, pertence à família dos *Kuyaté*, a qual está, há muitas gerações, a serviço dos príncipes *Keita* do reino Mandinga, já que se trata de um ofício hereditário. Nas próprias palavras do *griot* Djeli Mamadu Kuyaté: são eles, os *griots*, a memória viva dos homens; são eles os detentores dos grandes feitos de príncipes e reis; é através de sua palavra que perpetuam suas vidas, sua trajetória, sua história. Além disso, podem servir às famílias como “embaixadores” ou “diplomatas”, sendo os responsáveis pela mediação entre famílias em caso de desavenças ou de negociações, como casamentos, por exemplo. Dotados de grande inteligência e conhecimento a respeito da dinastia a que se ligam, os *griots* tem grande influência sobre os nobres e os chefes, principalmente porque, sempre que podem, suscitam seu orgulho mediante suas canções enaltecidas. Portanto, o segredo do poder da influência dos *griots* sobre os nobres reside no conhecimento que possuem da genealogia e da história das famílias.

É justamente nesse ponto que o historiador deve atentar-se, já que, ao analisarmos uma narrativa de um *griot*, devemos ter em mente que não necessariamente ele esteja comprometido com a verdade dos fatos. E como essa é justamente a situação que nos encontramos, destacamos as seguintes advertências: a) devemos aprender a ler as fontes orais com metodologias adequadas, que levem em consideração a importância e a especificidade do universo oral para grande parte das sociedades africanas; b) nesse sentido, é necessário que entremos nesse universo, tentando nos desprender das nossas concepções ocidentais e

⁹ “(...) quando falamos de ciências ‘iniciatórias’ ou ‘ocultas’, termos que podem confundir o leitor racionalista, trata-se sempre, para a África tradicional, de uma ciência eminentemente prática que consiste em saber como entrar em relação apropriada com as forças que sustentam o mundo visível e que podem ser colocados a serviço da vida.” Bâ, A. Hampaté. Op.cit., p. 187 – 188.

atentarmos quanto a preconceitos que daí decorrem; c) importante coletar as diversas versões de uma mesma narrativa (como o caso de Sundjata), para que possamos nos aperceber das bases fundamentais da mesma; nesse ponto, Vansina, diz que a “veracidade de uma tradição será mais facilmente constatada se a informação que contém puder ser comparada com a informação fornecida por outras tradições independentes ou por outras fontes” (VANSINA, 2010: 160).

Como estamos trabalhando sobre uma narração de um *griot*, ressaltamos que a probabilidade dela estar modificada, pelo menos em seus pormenores, é bem grande, visto que o *griot* pode – e tem o direito de – enaltecer a história de Sundjata, valorizando apenas seus grandes feitos e seu caráter. Conforme Vansina, a tradição tende a idealizar as narrativas, criando paradigmas morais e valorativos. Nas palavras do autor, “as tradições refletem tanto um ‘mito’, no sentido antropológico do termo, como informações históricas” (VANSINA, 2010: 153).

Ao descrever a origem do Império do Mali através da expansão do reino Mandinga, no qual Sundjata nasceu, Niane aponta que, caso o herói não fosse citado em duas fontes escritas – Ibn Battuta e Ibn Khaldun, em 1353 e 1376 respectivamente - muito provavelmente seria considerado por historiadores europeus como um ancestral mítico ou lendário, dada a importância dele na história tradicional do Mali (NIANE, 2010: 148).

Descrevendo a fonte primária em questão, destacamos que ela discorre a respeito da vida de Sundjata, sua infância difícil, suas superações sempre constantes, as quais vão moldando, positivamente, sua moral e seu prestígio; além disso, toda sua trajetória é pautada por presságios e predições – outras constantes que se verificam em várias tradições africanas –, ficando evidente que o destino do herói já estava traçado desde seu nascimento, de maneira que nenhum obstáculo impediria seu cumprimento. Além disso, a narrativa enaltece Sundjata por ser ele o fundador do império do Mali, em 1235, saído do reino Mandinga, após a famosa batalha de *Kirina*, na qual Sundjata derrota Sumaoro Kanté; este último, submeteu todas as províncias que outrora estiveram sob o domínio do Império de Gana, a exceção do território dos *manden* (ou *mandingos*), os quais rebelaram-se inúmeras vezes contra o domínio de Sumaoro, saindo vitoriosos após recorrerem a Sundjata, que, na época, encontrava-se exilado do Mandinga. Nessa época, século XIII, o islã já se expandia no continente africano; Sumaoro pertencia ao clã dos *Sosso*, os quais não aceitavam a conversão ao Islã. No entanto, com o domínio de Sundjata sobre o Mandinga e as demais províncias e reinos da região, o Islã é aceito, o que possibilita sua expansão nessa porção ocidental da África sudanesa.

Nesse ponto, destacamos que, mesmo com a infiltração do Islã nessas sociedades, a importância das tradições manteve-se intacta, mesmo com a possibilidade da escrita árabe; dessa forma, mais que uma África islamizada, percebemos um Islã africanizado, visto a originalidade e peculiaridade desses povos quanto a aceitação e compreensão das práticas e dos costumes islâmicos.

1. AS ORIGENS

As origens e a formação do herói estão intimamente ligadas: a negligência da importância da origem deixaria a análise incompleta, bem como, falar em origens sem todo o seu sentido mítico e moral trar-nos-ia uma análise sem qualquer profundidade.

Ao estudarmos a cultura da África Ocidental, já fica evidente a importância dos antepassados, principalmente em sua tradição oral, onde a cronologia se confunde com a genealogia, e muitas vezes aquela se dá somente com base nesta – uma cronologia relativa: “A tradição oral sempre apresenta uma cronologia *relativa*, expressa em listas ou em gerações” (VANSINA, 2010: 160).

A obra de Niane nos dá um rico exemplo da importância dos antepassados. Antes de iniciar a história de Sundjata, o *griot* faz uma breve apresentação pessoal e em seguida no traz a origem dos Maninka¹⁰ e uma vasta sucessão genealógica – Os Primeiros Reis do Mandinga – onde nos apresenta doze antepassados de Sogolon Djata¹¹. Muito além de mera cronologia, a origem é base fundamental para a configuração do caráter, e conseqüentemente, do destino do herói. Samba Gueládio foi rejeitado pelo tio, a quem ele chamava de pai e, mesmo que não se apresente tão justo e benevolente como Sundjata, ainda assim se constituiu em um herói com destino glorioso.

Sundjata nasceu com uma força superior, transmitidas pelo dom de liderança do pai e a força da mãe. É chegado ao ponto da importância crucial das origens: grande parte do que somos devemos a nossos ancestrais, em especial a nossos pais. O que hoje tratamos como genética e criação antes era tratado com um tom muito mais espiritual e profundo - de caráter mágico. Na epopéia de Sundjata, Maghan Kon Fatta, pai de herói, era muito conhecido por sua beleza, por ser um bom rei e por ser amado pelo povo, Sundjata herdou a admiração do povo e a majestade do Leão de seu pai – daí vem um dos nomes pelo qual Sundjata é conhecido: Mandinga-Diara que significa “leão do Mandinga”. Sogolon, a mãe de Sundjata é

¹⁰ Habitantes do Mandinga.

¹¹ Filho de Sogolon, uma das formas como era chamado Sundjata.

um exímio exemplo de mãe amorosa e protetora, tem, na epopéia, um “capítulo” dedicado só para si, tal a importância da mulher / mãe na cultura tradicional africana. Sogolon é descrita como portadora de uma feiúra atormentadora, tinha uma corcova que deformava suas costas, braços musculosos e seios fartos, era uma mulher robusta, forte, uma figura extraordinária se possuía, o que se mostrava ser uma tarefa muito ardorosa, pois Sogolon não se deixava dominar¹². No pai identifica-se a figura do leão, na mãe, a do búfalo.

2. A INFÂNCIA DIFÍCIL E A SUPERAÇÃO

As origens dão a estrutura do que há de ser o herói, porém é a sua força sobre-humana que põe a predestinação em andamento. Para constituir-se um guerreiro admirado e libertador de seu povo é necessário que além de façanhas na guerra, da habilidade bélica, o herói tenha um “toque” de mágica, que o transforme em um sobre-humano – caso contrário poderia ser comparado com os outros grandes generais que ao seu lado lutavam. Para mostrar sua força é necessário enfrentar desafios, e um dos mais importantes começa a se mostrar na infância, o herói majoritariamente tem uma infância árdua, cujas adversidades serão vencidas de forma surpreendente.

Sobre Sundjata, Niane escreve:

O filho de Sogolon teve uma infância lenta e difícil: aos três anos ainda engatinhava, enquanto os seus companheiros de idade já andavam. Ele nada tinha da grande beleza de seu pai, Narê Maghan; possuía uma cabeça tão grande, que parecia incapaz de mantê-la erecta; tinha dois olhos enormes, que ele escancarava quando alguém entrava na moradia de sua mãe. Pouco falador, o menino real passava o dia todo sentado no meio da moradia; quando sua mãe saía, ele se arrastava de gatinhas para remexer nas cabaças, em busca de comida. Era muito comilão.” (NIANE, 1982: 32)

Além do problema enfrentado por não andar e os conseqüentes rumores que as “más línguas” perpetuavam Sundjata ainda teria um grande obstáculo: a primeira mulher de seu pai, Sassuma Beretê, alegrou-se com a enfermidade do menino, pois seu filho, Dankaran Tuman, era um menino vivo, bonito e já havia começado a iniciação nos segredos da floresta e ela invejava o futuro de glória anunciado a Sundjata e não a seu filho, o primogênito. Sassuma empenhava-se a zombar da condição do filho de Sogolon, dizia ela a seu filho em alusão

¹² Interessante notar a composição de um casal formado por um homem belo e majestoso e uma mulher forte quando estamos acostumados que se configure o contrário: nossa sociedade idealiza e projeta a figura de um homem protetor e de uma mulher – figura da donzela – frágil e delicada, esperando para ser salva. Sogolon, talvez aqui representando muitas mulheres africanas, não só não estava à espera de salvação, como não se submetia e tinha um forte espírito guardião que não se deixava dominar facilmente.

direta a mãe de Sundjata quando esta passava na frente de sua choupana: “-Venha meu filho, caminha, pula, salta. Os gênios nada te prometeram de extraordinário, mais eu prefiro muito mais um filho que anda sobre suas duas pernas a um leão que se arrasta pelo chão.” (NIANE, 1932:32).

O tempo passava, o rei começou a envelhecer, mesmo que por algum tempo tivesse desacreditado as grandes profecias destinadas a Sundjata, ele voltou a creditá-las e morreu deixando o menino Leão, com então 7 anos, como seu sucessor. O testamento do pai de Sundjata não foi respeitado, e graças às intrigas da primeira esposa, seu filho, Dankaran Tuman, foi declarado novo rei. Sogolon virou chacota do povo e perseguida de Sassuma, vivia dos restos deixados pela última, e um dia, precisando de uma folha de baobá¹³ foi vítima de mais uma das crueldades de Sassuma, que a humilhou, falando que seu filho, desde pequeno, a servia das folhas de baobá, e que Sundjata nunca teria feito isso pela mãe devido as suas condições físicas.

A “aniquilação” de Sogolon serviu como um estopim para que o “Leão revolve-se despertar”: ela entrou em casa em prantos e bateu em Sundjata, após ser interrogada sobre o que acontecia, a mulher falou ao filho da horrível humilhação que acabara de sofrer. O menino mandou que a mãe se acalmasse e como que de maneira divina resolveu que naquele dia iria andar. Com uma barra de ferro e um “esforço supremo” Mari-Djata levantou-se e ficou em pé, e foi em busca de um baobá – não uma folha, mas uma árvore inteira – que colocou na porta da choupana de sua mãe, na frente de todos, inclusive de Sassuma, para lavar a honra de Sogolon.

O episódio da cura milagrosa de Sundjata trata-se da primeira batalha vencida pelo herói, a primeira amostra de sua força sobrenatural. Segundo Nicole Goisbeault, a cura miraculosa seria resultado da associação das forças de seus totens¹⁴, herdados de seus pais – búfalo e a pantera pelo lado da mãe e o leão pelo do pai – que, como já dito, desempenham grande papel na formação do herói (BRUNEL, 1997: 677-681).

A popularidade de Sundjata começou a preocupar a rainha-mãe, Sassuma Beretê, que arquitetou um plano para matar Sundjata – plano este, que devido à imensa bondade do

¹³ Árvore de grande importância simbólica em várias regiões da África. É costume, nestas regiões, sentar-se sob o baobá para ouvir as histórias contadas pelos *griots*.

¹⁴ Animais protetores, vistos como arquétipos, são símbolos de energias que existem e que podemos encontrar e manifestar dentro de nós.

menino, fracassou. Porém, a perigosa ameaça fez com que Sogolon e seus filhos partissem para o exílio.

O exílio é uma constante nos mitos heróicos: Samba Gueládio Diegui perdeu o pai ainda na adolescência, seu tio, irmão do falecido rei, tomou a regência do país, que por fim repartiria entre seus oito filhos deixando Samba sem nada. Mesmo que não tenha sido rejeitado pelo pai, a diferença parecia não ser tanta, pois o jovem Samba se dirigia a seu tio como “pai”, o que é comum em tal cultura e atesta mais uma vez a importância da família – origens – como, apenas seus antepassados diretos: os pais. Mesmo que não registrado, nessa versão do conto, algum tipo de deficiência do futuro herói, seu sofrimento, por ser negligenciado por alguém que muito estima, já é tamanho, para que só um bravo conseguisse “dar a volta por cima” (SILVA, 1966: 103). A diferença que fica clara aqui, é que Sundjata jamais teve de atacar seu irmão, pois ele já estava “destruído” quando o menino Leão voltou para salvar seu povo; porém Samba se exila para depois, já crescido, voltar e lutar com seu tio, conquistando o que é seu por direito.

Tanto na superação como na integridade do caráter do herói se encontram as mensagens moralistas e de exemplo de conduta, nas palavras Joseph Campbell, a respeito do papel do herói frente às adversidades que venham a ser encontradas no caminho do homem: “(...) nem sequer teremos que correr os riscos da aventura sozinhos; pois os heróis de todos os tempos nos precederam; o labirinto é totalmente conhecido. Temos apenas que seguir o fio da trilha do herói” (CAMPBELL, 2007: 32).

3. O HERÓI COMO GUERREIRO

“O heroísmo é um fato profundamente arraigado no imaginário e na moralidade popular; feitos de coragem e superação inspiram modelos e exemplos em diversos povos e culturas constituindo assim figuras arquetípicas. Situações de guerra, conflito e competição são ideais para a realização de feitos históricos; a inspiração heróica surge muitas vezes da problemática imposta pelo ambiente ou por uma situação adversa, cuja solução exige um esforço extraordinário.” (GOMES e ANDRADE, 2009: 139)

O herói mostra sua superação e força ao enfrentar e vencer as dificuldades de uma infância sofrida, e tem mais uma oportunidade para tal – se não uma das mais importantes em muitos casos – nos contextos de guerra, como grande líder guerreiro.

A construção da figura do herói como guerreiro no mito africano, em especial no mito fundador do Mali, funda-se em elementos como a importância das práticas mágicas, da

herança, no desenvolvimento de características e valores que fortalecem a personalidade do indivíduo e, ao mesmo tempo, o fazem protagonista de uma relação de forças dualistas que, de certa forma, contrapõem bem e mal, certo e errado, relação essa que aparece com certa frequência na cultura da África, em geral, e do Mali, em particular. Nesse sentido, essa construção se aproxima das de outras culturas, quando aponta no herói características como força, velocidade, destreza, sabedoria e habilidade estrategista, entre outras.

Nesse contexto, a formação do guerreiro é fortemente influenciada pelo binômio guerra e magia, elementos que andam juntos nas sociedades africanas pré-coloniais. A presença da magia é uma característica dessas culturas, e contribui para aumentar o poder do herói, ao mesmo tempo em que lhe fornece proteção; muitas vezes, se apresenta dentro de uma estrutura animista relacionada principalmente a animais – os totens – e outros componentes da natureza regional.

Esses elementos são claramente identificados na narração da história de Sundjata Keita, um herói guerreiro por excelência, que domina as artes mágicas, carregando como herança a força do leão e do búfalo, animais cuja força e vitalidade são bastante valorizadas na cultura africana. Reforçando a importância da ancestralidade na formação do herói.

A configuração do herói guerreiro também apresenta como elemento comum entre as fontes consultadas o auxílio recebido de outras nações, que mantém uma relação anterior de cooperação ou vassalagem. Assim, a prática da guerra, a forja do guerreiro se dá em território estrangeiro e sob a bandeira de um exército estrangeiro - Sundjata entra em combate pela primeira vez aos 15 anos, mas o exército o qual compõe não é seu: ele luta ao lado do Rei Tunkara, do Mema¹⁵, o qual com o tempo vai colocar seus exércitos à sua disposição.

Finalmente, ao mesmo tempo em que podemos identificar esses elementos em comum na história de Sundjata e Samba Gueladio, é também possível visualizar diferenças na construção dos personagens citados, especialmente no que tange a personalidade e caráter destes. Assim, temos em Sundjata, por um lado, um rei piedoso, destemido, que depois de vencer todas as batalhas, entregou as lanças aos Reis devolvendo-lhes seus reinos e realizando uma política de alianças e cooperação. Por outro lado, temos em Samba Gueladio a figura de um guerreiro prepotente, impiedoso e que não mede limites para atingir seus objetivos. Essas diferenças que identificamos em algumas tradições orais podem advir da dificuldade no momento ou da época em que se interpretam determinadas lendas. O momento histórico em que isso ocorre muitas vezes faz fortalecer um herói guerreiro impiedoso – necessário em

¹⁵ Reino localizado nas imediações do Mandinga.

momentos de luta armada no país – ou um herói conciliador, como no caso de Sundjata, em momentos de unificação e pacificação popular.

É importante pensar que até hoje Sundjata é lembrado no Mali e no oeste da África como uma figura respeitada em todos os sentidos, que em pleno século XXI inspira músicos e políticos que evocam a figura do guerreiro quando querem demonstrar virtudes em diferentes domínios, mesmo que não seja no campo de batalha. Assim, o herói guerreiro não é necessariamente um guerreiro de lança ou espada, mas um guerreiro de idéias.

4. O HERÓI COMO TIRANO E REDENTOR

Os objetivos de Sundjata e Samba Gueladio são semelhantes – tomar posse dos reinos que lhes foram predestinados e que são seus de direito. Nas duas histórias, eles retornam com um grande exército pronto para as batalhas que mudarão os destinos de seus povos. Em Sundjata identifica-se mais a figura do redentor, pois ele é justo, salvador e unificador da sua nação, enquanto Samba Gueládio é um herói tirano, demonstrador de força e rigidez em suas ações. Sundjata é o predestinado líder que traz justiça para o Mandinga, e Samba Gueládio é o ideal *fulani* de figura importante, que se mostra totalmente independente e age rigorosamente para demonstrar seu poder.

No decorrer dos épicos, suas diferenças se acentuam. Vemos que Sundjata costuma demonstrar compaixão pelas pessoas. O herói mandinga é constantemente representado com uma figura benigna, forte, justa e inteligente. Seu objetivo, que responde às predestinações, é voltar ao seu reino para tomar o trono roubado por seu irmão, Dankaran Tuman, porém, diferentemente de Samba Gueládio, Sogolon Djata sequer acaba se voltando contra sua família, visto que o confronto final se dá com o feiticeiro-rei Sumaoro. A família, neste caso, não chega a travar um conflito final.

Além disso, Sundjata enfrenta o rei de Sosso em um combate que marca visivelmente o bem e o mal, a luz e as trevas, poderes ocultos da magia benfeitora, identificados em Sundjata, e os poderes ocultos da bruxaria de Sumaoro. A derrota deste último e a destruição de *Sosso* em apenas um dia demonstram ser símbolos de um progresso civilizador e unificador: após a vitória, o herói organiza uma grande festa, onde se devolvem os reinos conquistados aos seus respectivos donos, garantindo a satisfação dos povos derrotados e permitindo uma união pela amizade e respeito por Sundjata, assim marcando o começo do grande Império do Mali.

Já Samba Gueládio, que costuma mostrar seu poder através das ações físicas e de forma enérgica, é forte, estratégico e líder, mostrando seu poder como forma de legitimar sua

autoridade e sua honra. Mesmo sendo rigoroso, é bravo, como, por exemplo, ao enfrentar o *caimão*¹⁶ Niabardi Dalloque, que exigia o sacrifício de uma princesa em troca das águas frescas de seu rio. Derrotando o *caimão*, Samba garantiu a salvação do povo do reino de Ellel Bildikry¹⁷.

No decorrer da epopéia, o herói vai demonstrando seu poder através de grandes feitos. Sempre tendo em mente recuperar o que lhe era de direito. O combate final se dá contra seu tio e seu exército, que vão sendo devastados a cada avanço do herói. Na luta, Samba Gueládio derruba Konkobo de cima de seu cavalo, e mata um cavaleiro inimigo para dar montaria ao seu tio, com intuito de continuar o combate, cena que se repete diversas vezes, até que Konkobo finalmente é vencido e, expulso do reino, é condenado a mendigar; seus filhos são todos mortos em batalha e Samba torna-se rei.

O filho de Sogolon busca a paz e a união entre os povos, e Samba a ascensão ao poder e a conquista de seu reino. Ambos são destinados a ser líderes de seus povos, mas o fazem de diferentes maneiras. O importante a ressaltar é que a história dos heróis é marcada por provas de seus valores individuais favoráveis aos seus povos – marcas daquilo que o reino precisa no momento certo – e se caracterizam pela presença constante do sobrenatural em suas vidas, com uso de magia (no caso de Sundjata) ou armas mágicas (Samba Gueládio). São personagens construídos pela tradição, inspirando e legitimando valores, através da força ou da bondade, para a constituição de um herói. O mito não apenas serve para dar sentido e explicação para o surgimento de impérios e reinos, como também ensina, servindo como referência às gerações seguintes, objetivando a manutenção da construção social “elaborada”.

5. A MORTE DO HERÓI

Não só o nascimento do herói como também sua morte são uma construção, e uma construção feita de intrincados significados, muitas vezes ininteligíveis aos olhos do leitor ou do ouvinte já que aqui tratamos diretamente de uma sociedade com tradição oral. Não se trata de pensar uma construção com uma finalidade bem definida, o que aparentemente acontece é que, com o transcorrer do tempo, a história de um homem acaba por tornar-se uma lenda, um mito, e nessa mitificação não há espaço para mortes ou finais onde o mito desapareça. A própria mitificação parece proibir essa fase tão essencial que é a morte. A morte na verdade

¹⁶ Espécie de réptil carnívoro, semelhante a um jacaré. No conto de Samba Gueládio é descrito como exigente, grande e terrível.

¹⁷ Reino, que após tal feito, acolhe Samba. Seu local de exílio.

traz um sentido de realidade à história, parece torná-la fidedigna. Matar um herói na tradição oral é algo muito forte, é destruir algo que foi construído paulatinamente no imaginário das pessoas, através do diálogo e do “olho no olho”, sentindo cada crescimento e cada alvorecer desse mito.

O próprio *tornar-se* herói, acaba por transcender as limitações humanas buscando uma vitória sobre a finitude (KRIPPNER, 2002: 09).

Porém para dar um caráter verdadeiro à história, o *doma* ou o *griot*, tem a necessidade de terminar com a vida do herói, já que a vida é tênue e finita, mas esse término é feito de uma forma magistral, sem grandes perdas para a memória do herói. Os outros personagens podem ser mortos ou desaparecer para sempre, mas o herói tem de se solidificar, tem de tornar-se eterno aos olhos do futuro.

O que se apresenta com a leitura de Sundjata é que se tenta fazer da morte uma passagem, ou um momento de descanso, depois de tudo o que o herói fez pelo Mandinga, até a fundação do Mali. De forma alguma o herói se destrói, se finda, ele se reconstrói em outro plano, seus feitos o mantêm vivo. Normalmente o momento da morte do herói é um momento não definido, as versões se contradizem, o túmulo não é identificado, não existem restos mortais nem lugar definido para algum tipo de culto, apesar de, no caso de Sundjata, existirem locais onde se fazem oferendas a ele.

A morte de Sundjata, na versão oral do *griot* Mamadu Kuyatê, simplesmente fala de um lugar onde ele repousa, em momento algum fala de sua morte física ou de que maneira e circunstâncias ocorreu. Existem duas versões mais conhecidas da morte de Sundjata, uma onde ele morre afogado e outra onde ele leva uma flechada durante uma manifestação pública em Niane¹⁸. Tanto uma quanto a outra não apresentam ou não são apresentadas com tom de veracidade. Esse descaso deve ser ainda mais forte na transmissão oral, ao que parece, a idéia é “manter o Leão vivo” ou manter seus ideais e feitos acesos.

Na epopéia de Samba Gueládio (SILVA, 1966: 103), sua imortalidade se faz flagrante no episódio em que o herói mata um *peul*, mesmo já estando morto. Por essa razão, encerra-se o conto com os dizeres: “- Samba não pode morrer; foi ele quem matou o *pehl*”.

¹⁸ Capital do reino do Mandinga.

CONCLUSÃO

A construção do herói nessa nova África que descobrimos – nesse pequeno espaço africano estudado – está diretamente ligada à nossa sociedade. Não só pelo fato de termos uma herança africana, mas também por identificarmos pontos em comum em todas as formações de nossos heróis, sejam eles do passado ou do presente, heróis da guerra ou da democracia. A construção dos pilares morais destes heróis remete a nós mesmos, ao nosso cotidiano. Estudar o íntimo da sociedade africana pré-colonial, ou o pouco dessa sociedade que pudemos acessar, foi como fazer uma viagem ao passado da sociedade humana como um todo. Culturas que parecem tão distantes, como o cristianismo de herança celta que criou o mito que cerca a figura do Rei Artur, encontra grande correspondência com uma cultura que, aparentemente, nos parece tão distante, como a do Mali africano. Porém, apesar de todas as diferenças, existem muitas similaridades, desde a sacralização da vida e do universo, o poder e a mágica da palavra, a integralidade de seus sacerdotes ou, mais adequadamente para o caso africano, de seus tradicionalistas. Etapas na construção do herói são mais algumas, de muitas paridades. A justificativa do estudioso de mitologia, Joseph Campbell para o título de sua obra *O Herói das Mil Faces* nos fornece um exemplo teórico dessas aproximações:

“Porque existe uma certa seqüência de ações heróicas, típica, que pode ser detectada em histórias provenientes de todas as partes do mundo, de vários períodos da história. Na essência, pode-se até afirmar que não existe senão um herói mítico, arquetípico, cuja vida se multiplicou em réplicas, em muitas terras, por muitos, muitos povos. Um herói lendário é normalmente o fundador de algo, o fundador de uma nova era, de uma nova religião, uma nova cidade, uma nova modalidade de vida.” (CAMPBELL, 2007: 11; GOMES e ANDRADE, 2009:143)

Os romances de cavalaria, como o do Rei Artur e seus cavaleiros, e a formação destes heróis, foram muito importantes para a cultura medieval e também moderna de Portugal. Fica claro que com a colonização, o Brasil recebeu muito desses heróis cantados na metrópole. Nossa herança cultural africana chegou “escravizada”, daí um dos principais motivos de não conhecermos tanto a história de Sundjata, e até de Samba Gueládio, como conhecemos a dos cavaleiros da Távola Redonda. Talvez por essa razão, ao tratarmos de África, muitas vezes partimos esperando encontrar apenas o exótico, mas o que achamos foi muito mais uma *imagem refletida*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELCHER, Stephen. *Constructing a Hero: Samba Gueladio Djegui*. Disponível em: <http://www.jstor.org/pss/3820038>. Acessado em 22 de maio de 2010.
- CAMPBELL, Joseph. *O Herói de Mil Faces*. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2007
- GOISBEAULT, Nicole. Mitos africanos. In: BRUNEL, Pierre. *Dicionário de Mitos Literários*. Editora José Olympio: Rio de Janeiro, 1997, p. 677 – 681
- GOMES, Vinícius Romagnolli Rodrigues; ANDRADE, Solange Ramos de. *Mitos, Símbolos e o Arquétipo do Herói*. Iniciação Científica CESUMAR, 2009. V. 11, n. 2, p. 139 – 147. Disponível em: http://www.cesumar.br/epcc2009/anais/vinicius_romagnolli_rodrigues_gomes2.pdf. Acessado em 14 de julho de 2010.
- KRIPPNER, Stanley. Tradução de: ANDRADE, José Ascanio de. *Aspectos Mitológicos da Morte e do Morrer, 2002*. Disponível em: <http://www.inic.com.br/pdf/aspectos.pdf>. Acessado em 09 de julho de 2010.
- MACEDO, José Rivair (Org.). *Desvendando a História da África*. Porto Alegre: EDURGS, 2008.
- MEC-SECAD. *Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03*. Brasília: MED-SECAD, 2005.
- NIANE, Djibril Tamsir. *Sundjata ou a Epopéia Mandinga*. São Paulo: Ática, 1982. Disponível em: <http://www.casadasafricas.org.br>
- NIANE, Djibril Tamsir. O Mali e a segunda expansão Manden. In: *História geral da África*. Joseph Ki-Zerbo. 2.ed. Brasília : UNESCO, 2010. Vol. 4, cap. 6, p. 133-192.
- ROCHA, Gustavo Lauriano de Freitas. *Brittania: Um resgate das mitologias Céltica à Nórdica*. 2008. Disponível em: <http://www.templodoconhecimento.com/portal/modules/smartsection/item.php?itemid=238> Acessado em 14 de julho de 2010.
- SILVA, Fernando Carreira da (Org.). *Contos Africanos*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1966.
- UNESCO. *História geral da África*. São Paulo: Ed. Ática/UNESCO, 1981 – 1991. Vol. I e IV.
- VANSINA, Jan. A tradição oral e sua metodologia. In: *História geral da África*. Joseph Ki-Zerbo. 2.ed. Brasília: UNESCO, 2010. Vol. I, cap. 7, p. 139-166.